

# POVO ALGARVIO

SEMÁNARIO REGIONALISTA

Redactor Principal  
**MANUEL VIRGÍNIO PIRES**

Redacção e Administração  
Rua 1.º de Maio, 14—TAVIRA

Director, Editor e Proprietario

**Dr. JAIME BENTO DA SILVA**

ASSINATURAS

Série de 16 Números . . . . . 5\$00

Composição e Impressão  
Tipografia Socorro—Vila Real de Santo António

NÃO SE RESTITUEM ORIGINAIS QUER SEJAM OU NÃO PUBLICADOS

AVENÇA

## UMA EXPLICAÇÃO

# POR SUA DAMA!

## O espirito de sacrificio

Sai este numero fóra do dia habitual. Mas, não quizemos deixar de contribuir um pouco, também, para a solenidade do dia de hoje em que se comemora a tomada de Tavira aos moiros, em 11 de Junho de 1242.

Circunstâncias anormais não permitem que o Município taviense possa dar à comemoração desta data gloriosa o brilho devido a tal facto, tanto mais que estamos no ano das comemorações dos centenários.

Isso não quer dizer que, dentro da mediania em que tal comemoração tem de decorrer, os tavienses como bons e leaes portugueses, não manifestem o seu júbilo.

A missa junto do túmulo do conquistador de Tavira e dos sete cavaleiros trucidados pelo inimigo, na mesma Igreja em que o Mestre de S. Tiago e os seus homens d'Armas, logo após a tomada da cidade e a transformação da antiga Mesquita em Templo de Deus, fizeram as suas primeiras rezas como bons católicos, será ouvida com o devido respeito por todos os que sentem hoje o mesmo fervor nacionalista que esses guerreiros sentiam.

A tarde, a romagem aos tumulos continuará a manter o brilho tradicional dos anos anteriores.

Mas, tenhamos confiança em que no ano de 1942, as circunstâncias anormais terão desaparecido. O Município terá os braços livres.

E as comemorações do 7.º centenário da conquista da nossa linda cidade, terão então todo o brilhantismo e todo o entusiasmo que taes factos despertam sempre no animo dos bons portugueses.

E é para essa comemoração que nós chamamos a atenção dos Tavirenses. A nossa terra tem uma bela tradição de saber promover festas imponentes. Temos, então, obrigação de nos superarmos. E estamos certos de que todos os nossos patricios assim pensam. Mãos à obra, pois, que o tempo vò.

### Dr. Morais Simão

Fomos informados de que, em Alvito, onde este distinto clinico exercia a sua profissão antes de vir para Tavira e onde ocupava o lugar de Presidente da Câmara Municipal, foi resolvido pela edilidade dar o nome de Dr. Morais Simão a uma das ruas da simpática vila alentejana. Felicitamos calorosamente este nosso particular amigo pela justa homenagem que lhe acaba de ser prestada.

Ao dealbar do dia inicial das comemorações dos centenários, um vulto de Mulher, airoso e gentil, envolto em amplos veus alvos de néve, entrou a porta da Igreja de Santa Cruz de Coimbra. Feita a genuflexão, dirigiu-se directamente para a Capela Mór. Era elegante e tinha nobresa o seu andar. Notava-se, no entanto, por certa irregularidade nos passos e estremecimentos que faziam agitar os veus amplos que a vestiam, que Ela não ia completamente serena. Atravessada a teia, encaminhou-se para o tumulo do Rei Fundador.

A sua agitação, que já era manifesta, tornou-se ainda mais nítida. E os olhos marejaram-se-lhe de lágrimas quando contemplou a estátua jacente do Rei, as mãos segurando o punho do montante como que prestes a arremeter contra quem pretenda desfazer a obra que éle iniciara.

Os olhos daquela Mulher fitaram, então, demoradamente, o peito hercúleo de D. Afonso Henriques onde tinha batido um grande coração de Portuguez. E deu-se um milagre. A estátua principiou a agitar-se. A pedra foi perdendo a sua opacidade e tomando a translucidéz própria da péle. O tronco começou a ter os movimentos respiratórios, viasse distintamente o bater do coração. A estátua reanimava-se. Os olhos d'Ela fitaram os olhos fechados do Rei, cujas palpebras principiavam a entreabrir-se. E o olhar de D. Afonso, primeiro vagamente, depois fixamente, encarou aquela Mulher que se inclinava, sorrindo, para éle. Reconheceu-a. Uma expressão de grande alegria se lhe desenhou no rosto e, como se tivesse 20 anos, de um salto, o Rei caiu de joelhos aos pés d'Ela, aos pés da sua Rainha cobrindo-lhes as mãos de beijos.

O rosto um pouco queimado pelo sol de tódas as terras e de de todos os mares, os olhos vivos, negros de azeviche, o nariz fino cujas aletas palpitavam de seiva, os lábios vermelhos, grossos, sensuaes, tendo nas estremitades, formadas pelo riso, umas covas adoráveis, aquela linda Mulher que ali se encontrava, era a sua Dama, a Alma de Portugal, a aguia real que ele soltara ha oitocentos anos em Guimarães e agora voltara, depois de ter percorrido as sete partidas do mundo, transformada numa bela Mulher, pujante, cheia de vida, em plena primavera.

O Rei ergueu-se. E os olhos abriram-se-lhe de espanto. A Igreja estava cheia de mais vultos. Ia voltar-se para pedir uma explicação. Ela principiou a apresentar-lhos. Os primeiros eram seus conhecidos, seu filho, D. Sancho I, Egas Monis, o lidador, os seus companheiros d'armas. Seguiam-se seus netos, D. Afonso II, unificador do poder real e da nacionalidade, D. Sancho II e D. Afonso III, os que acabaram a conquista do Reino, com os Freires das Ordens Militares, entre os quais avultava Paio Pires Correia, o Grão Mestre de S. Tiago e os Fidalgos e Peões com o chanceler D. João de

Aboim. Seguia-se D. Denis, o Rei intelectual, D. Afonso IV e os seus companheiros do Salado. Os Namorados de Aljubarrota, os soldados de Ceuta, com D. João I, o Condestável e João das Regras. A inclita geração de Infantes. Os companheiros de martirio do Infante Santo e os companheiros victoriosos das correrias do Africano. Os pilotos e os guerreiros do Infante de Sagres e de D. João 2.º. A seguir, os gigantes de quinhentos, Vasco da Gama, Bartolomeu Dias, Pedro Alvares Cabral, Afonso de Albuquerque, os Fronteiros de Marrocos, os Vice-Reis da India, os Capitães Mores do Brasil. Os olhos da Rainha entristeciam agora ao apresentar-lhe um novo grupo, cujo porte altivo não escondia a funda tristeza expressa nos rostos; eram os vencidos de Alcacer Quibir, mas que não tinham envergonhado o nome português. Mas, a impressão de tristeza desaparecia com a alegria do grupo que se aproximava para ser apresentado.

Eram os Restauradores, com D. João 4.º, Matias de Albuquerque, o Marquês de Marialva, o Conde de Castelo Melhor, todos os que nas cinco partes do mundo de alguma forma contribuíram para se recuperar para Portugal o que lhe pertencia. Eram, especialmente, os do Brasil, brancos, mestiços, indios, pretos, que não contentes em terem expulso todos os inimigos e poderem entregar, intacta, a Coroa do Portugal restaurado, a sua joia mais preciosa, ainda foram a Angola, com o grande Salvador de Sá, libertar os heróis de Massangano e darem-lhes, com a liberdade, a enorme alegria de verem novamente a Bandeira de Portugal cobrir aquela porção dos nossos domínios ultramarinos. Seguiam-se os soldados do Marquês de Minas e da campanha do Roussilhão, os Caçadores enfarruscados do Bussaco e dos mil combates das invasões e da Guerra Peninsular.

Finalmente, os representantes dos que, na última metade do século 19 e no primeiro quartel do século 20, enquanto a Metropole se debatia numa politiquice mesquinha, tinham fixado para Portugal o formidável Império que é hoje indiscutivelmente nosso. Eram os pacificadores e defensores da Guiné, os soldados de João de Almeida, de Paiva Couceiro, de Roçadas, de tantos outros, em Angola. Os soldados de Galhardo, de Caldas Xavier, de Freire de Andrade, de João de Azevedo Coutinho, em Moçambique. Os defensores de Macau com o Comandante Ferreira do Amaral. Os pacificadores de Timor com o Comandante Filomeno da Camara. E à sua frente, como seus expoentes máximos, duas figuras de Portuguezes de antanho deterrados em pleno estertor do liberalismo materialista, um politico, o outro militar, El-Rei D. Carlos 1.º e Mousinho de Albuquerque.

Vinham agora os dois soldados desconhecidos da Batalha, duplamente desconhecidos, por si e por desconhecido ter ficado para os governantes e governa-

dos a soma de sacrificios e de misérias de tóda a espécie a que, nas plagas africanas e nas planícies da Flandres eles se sujeitaram para que o nome de Portugal se salvasse em parte, da má situação em que a desorientação e a incompetência politica o colocara. A encerrar, essa figura popular de soldado, o General Gomes da Costa, sintetizando em si, todos os que, tendo compreendido a grande riqueza espiritual dos soldados das Africas e da Flandres, promoveram a arrancada do 28 de Maio, entregando a governação pública a sensata inteligência e ao profundo nacionalismo de quem está encarreirando novamente Portugal na estrada brilhante dos seus destinos.

Em suma, os Grandes de Portugal tinham-se dado ponto de reunião naquêle dia e áquela hora, junto do tumulo do Fundador da Nacionalidade. Estavam terminadas as apresentações.

Ela ergueu então os olhos para o Cristo Crucificado que, do alto, os contemplava a todos. Compreenderam-na. Ajoelharam e, cabeças curvadas para o chão, só se ouvia o susurro das orações em que aqueles Homens confessavam a sua humildade e a sua fé em Deus Todo Poderoso.

A pouco e pouco foram-se erguendo, foram-se endireitando os troncos daqueles Homens que mil e mil vezes tinham encarado a morte, olhos nos olhos, sem que ela os tivesse feito recuar alguma vez. Um frêmito de entusiasmo os percorreu.

De pé, encostada ao altar, Ela como que a querer fixar na sua mente o espectaculo que formavam os representantes de oito séculos de história que ali se encontravam, da maravilhosa história de Portugal, eles viam a sua Rainha, por quem tinham combatido e tinham feito tais sacrificios, que a perda da vida consideravam o menor deles. Por cima, os braços da Cruz pareciam querer protegê-la.

Então, as mãos daqueles Homens ergueram-se para o alto, decididamente, másculamente. E na nave da Igreja de Santa Cruz de Coimbra, as palavras proferidas com fé, com entusiasmo, ressoou, gloriosa e vibrante, uma prece, a mesma prece que, naquele dia, proferiram todos os portugueses de Portugal, todos os portugueses do Império, todos os portugueses em qualquer parte do mundo onde estivessem, porque ela constitue como que o substratum da nossa raça, porque ela está no mais intimo dos nossos corações de portugueses: Que Deus conserve para todo o sempre, livre e independente, a Terra Sagrada de Portugal.

Jaime Bento da Silva

### Dr. Oliveira Bomba

Recebe chamadas para consultas e tratamentos tódas as terças-feiras das 14 ás 16 horas, na Séde do Montepio Artístico Tavirenses e em todos os dias úteis a qualquer hora na Pensão Calça-Tavira.

O Duplo Centenário, cujas comemorações tiveram já o seu inicio, vem neste ano aureo pelas recordações que evoca, fornecer novos elementos de vida, fortalecer um direito incontestável e animar a confiança e a fé no futuro pelo reviver de um passado austero na honra e no sacrificio.

Por inteligente iniciativa de Salazar, se comemoram neste ano de 1940, os centenários da fundação e restauração da nacionalidade. A acção vivicadora e animadora de tais comemorações é uma clara demonstração da verdade que Salazar pôs sempre nas suas palavras quando se dirigia ao país. Não eram de promessas nem de lisonja, mas antes pediam e anunciavam sacrificios para alcançar solução vantajosa e benéfica dos problemas de interesse vital, que nos diziam respeito, porque é, como em todos os tempos, de sacrificio que resulta aquele bem e aquela glória que erguem os povos à altura das suas virtudes.

A fundação e a restauração de Portugal representam heroicidade, dôr, abnegação para fazer triunfar a justiça. A comemoração do Duplo Centenário envolve assim um alto significado de amôr pátrio; a realização de uma obra de interesse geral como a reconquista de uma legitima situação em horas decadentes, requiere espirito de sacrificio, trabalhos e valôr. Nos nossos dias a obra gloriosa do Estado Novo, as suas reformas e renovação, edificadas sobre um momento decadente de fraqueza e descrédito, representam também labor extenuante e uma abnegação que honram a Pátria e a raça. Mais habilitados estavamos, pois, para entender e sentir as comemorações do Duplo Centenário em toda a sua amplitude. Os periodos em que se dividem as comemorações, Medieval, Imperial e Brigantino, já por si obedecem a um superior critério de demonstração atravez de três fases que muito ilustram Portugal.

O reino de Portugal surge com aspectos e destinos humanitários. Deve-lhe o mundo o espalhar da civilização em terras desconhecidas.

Acrescentamos a civilização e acrescentámos o espaço de exploração e expansão do génio criador da humanidade. Mas sempre o sacrificio para alcançar a glória e sempre a glória a coroar o sacrificio.



# UMA INICIATIVA FELIZ

## A inauguração de um monumento a D. Francisco Gomes de Avelar

Aproxima-se o dia da inauguração solene do monumento ao grande bispo e grande português que foi D. Francisco Gomes de Avelar, a quem tôda a Província do Algarve, ficou devendo inúmeros benefícios, quer no campo espiritual, quer no campo material, bem do conhecimento de muitos algarvios, sobretudo daqueles que estudam e investigam o passado da sua Província.

Raros foram os pontos do Algarve onde a acção de D. Francisco Gomes não se fez sentir; desde Faro, a sua capital, ao Barranco de S. Miguel, no poético e lendário sêro do mesmo nome, o mais humilde e simples lugarejo.

Tudo parece recordar essa figura de elevada grandeza moral, que soube como poucas, espalhar tão prodigamente pela terra algarvia, os frutos da sua inteligência fecunda e as pérolas do seu coração somente inclinado para o bem.

A idéa do erudito investigador Dr. Ataíde de Oliveira de se levantar um dia um monumento a este ilustre prelado, encontrou felizmente, no ilustre escritor e nosso Ex.º Amigo, Dr. Mário Lyster Franco, a melhor boa vontade e o mais acentuado entusiasmo, sendo devido a tão devotado amigo do Algarve que Faro vai finalmente pagar essa grande dívida de reconhecimento e respeito, para com o Santo Varão.

Veio tarde a reparação, mas chegou; e chegou na altura devida, no momento em que Portugal comemorando os centenários da sua fundação e restauração da sua independência, vai relembrar a todos os portugueses do Império os nomes dos seus grandes obreiros, de qualquer das actividades em que a sua acção se tivesse feito sentir.

Comemorando os heróis que lutaram contra os inimigos da fé cristã, numa santa cruzada de que saiu Portugal; os navegadores que sulcando os oceanos descobriram novas terras, cujos habitantes, na quasi totalidade, viviam na idolatria; o milagre da manhã de 1 de Dezembro de 1640 e tôda uma série de factos que firmaram o nosso desejo de viver independentes e livres, com memora ainda os varões que pelo seu espirito apostólico e humanitário levaram a nossa civilização aos confins do mundo e aqueles que, aqui, no continente, praticaram sempre o bem entre a família portuguesa.

D. Francisco Gomes pertence a este ultimo grupo. D. Francisco Gomes pertence ao numero dos heróis que triunfaram sobre si mesmos, áqueles cujo espirito, num luta permanente contra as suscitações da matéria, — sempre com a idéa fixa na perfeição —, passaram pela Terra espalhando o bem pelos desprotegidos da sorte, vindo em cada semelhante um irmão, como que a própria figura de Cristo.

Além das estradas, dos caminhos, das pontes mandados construir pelo preclaro antistite, das igrejas que restaurou e de um sem numero de obras deste género, bem notável foi também a acção de D. Francisco Gomes na beneficência e no amparo aos seus diocesanos.

Neste importante campo de acção, mandou D. Francisco construir hospitais, albergues, restaurar muitos dos existentes dando-lhes melhores condições de vida, protegeu as misericórdias, etc., etc., além da caridade que exercia em larga escala no seu próprio paço, como que gastava todos os honorários que lhe eram devidos, na alta qualidade de bispo residencial da diocese do Algarve.

Não obstante essa enorme acção caritativa, muito mais quis realizar o bondoso bispo nesse campo, não lhe sendo, todavia,

possível, em virtude dos trabalhos defensivos a que teve de proceder no Algarve, na qualidade de Governador Interino das suas armas, durante as invasões napoleónicas, trabalhos que lhe absorviam o montante das receitas.

A todos os títulos notável foi portanto a acção de D. Francisco Gomes no campo da beneficência e em todos os outros campos, que nós não tentamos trazer para aqui, visto não estarmos propriamente fazendo um estudo sobre a sua vida e a sua obra.

Por toda essa brilhante actualização, o seu passamento foi chorado e sentido no Algarve inteiro, como uma perda irreparável.

Choraram-no os grandes da terra, os velhos mendigos a quem o bondoso bisto auxiliava e as crianças que sempre acolhia com desvelos paternais, espalhando copiosamente moedas, quando montado numa muar e acompanhado pelo seu fámulo, ia em visita pastoral até ás mais modestas e rústicas capelas da sua diocese.

Nunca no Algarve se perderam de todo os seus exemplos salutarés; e o seu bom povo, muitas vezes o recorda, quando pretende dar um exemplo duma pessoa boa e ao mesmo tempo dinâmica e realizadora.

A idéa do monumento é, incontestavelmente, uma idéa feliz e portanto merecedora dos maiores encómios.

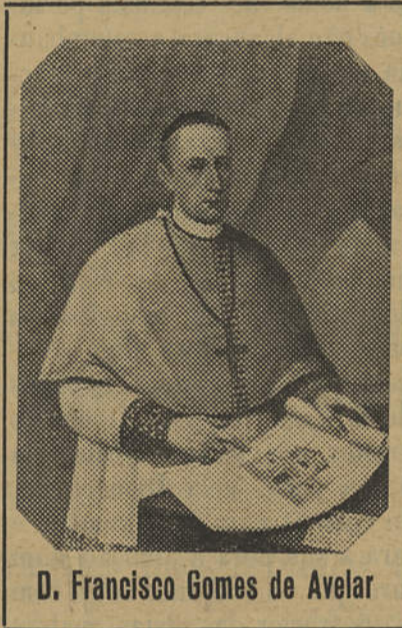
Modesto estudioso e propagandista dos valores espirituais da nossa terra, diligencieei tanto quanto me foi possível, por tornar conhecida a figura de D. Francisco Gomes de Avelar, entre outras formas, pela publicação de um estudo sobre a vida e obra do grande bispo, na excelente revista de o Instituto de Coimbra.

A este trabalho quis ter a gentileza de se referir, o que muito me penhorou, o meu ilustre amigo e confrade, Dr. Francisco

Caucio, erudito autor de uma brilhante obra sobre o «Ribatejo» e de outros trabalhos de grande merecimento, num artigo que fez publicar num jornal da região que foi berço de D. Francisco Gomes.

No referido artigo intitulado «O Bispo Apostólico», o Dr. Francisco Caucio depois de nos dizer numa brilhante síntese o que foi a vida desse prelado, alvitra quanto seria interessante que um grupo de habitantes de Alhandra, a cujo termo pertenceu Calhandriz, freguesia da naturalidade do mesmo príncipe da igreja, fôsse no dia da inauguração do monumento a Faro, juncar o seu pedestal de flôres, colhidas nessa pitoresca região do Ribatejo.

A idéa d'este nosso ilustre



D. Francisco Gomes de Avelar

amigo merece todo o aplauso e estou certo que, a transformar-se em realidade, Faro saberia dispensar á representação o melhor acolhimento, nomeadamente, a Comissão das Festas e S. Ex.ª Rev.ª o Senhor D. Marcelino Franco, venerando Bispo do Algarve e mui digno sucessor do preclaro antistite.

O preito do termo da vila de

Alhandra cairia o melhor possível no coração de todos os que, no dia da inauguração do monumento, fossem a Faro render homenagem ao «Bispo Apostólico».

Bastavam de facto uns simples ramos de flôres colhidos na região onde D. Francisco Gomes passou a sua infância, para mostrar bem que os seus conterrâneos ainda não esqueceram o nome daquele que honrando a terra que lhe foi berço, honrou dum modo bastante notável, a Pátria Portuguesa.

Lisboa, Maio de 1940.

J. Fernandes Mascarenhas

## A Marinha e as comemorações centenárias

Quando, conquistado aos moiros o Algarve, olhámos e vimos o mar distante, compreendemos que não poderíamos existir como nação desde que não buscássemos além-ondas.

Então, a partir desse dia, o soldado português foi também marinheiro—e se embarcou nas caravelas do Infante, e nas naus da Índia, e nos galeões do Brasil; e nas canhoneiras do século XIX, que subiram os rios de África, levando a bandeira de Portugal até onde havia quem nos contestasse os direitos de posse.

As Comemorações Centenárias têm nas cerimónias de Sagres, com que se encerra o «período medieval», a glorificação do Marinheiro Português.

Mas não haverá mais eloquente glorificação do nosso marinheiro que a própria Exposição do Mundo Português—pois que foi êle quem, dando novos Portugais a Portugal, deu, ao mesmo tempo, novas terras a Terra.

Assinal o «POVO ALGARVIO»

## Lição espiritual de Guimarães

A mesma hora que o Chefe do Estado hasteava na Torre do Castelo de Mumadona a bandeira de Afonso Henriques — em todos os castelos medievais portugueses e em tôda a parte, de norte a sul e de oeste a leste do país, a mesma bandeira branca, rasgada com a cruz azul dos cristãos, erguia-se triunfalmente ao claro sól de Portugal. Signo de fé no passado e de gratidão por oito séculos de glória. Mas, também, e muito, sinal de confiança no futuro.

Pela voz do Presidente do Conselho, grande restaurador de Portugal, falavam êsses oito séculos de História que êste ano se cumprem—e a sua palavra, sóbria mas expressiva, teve o condão de levar a todo o Mundo a própria certeza da nossa eternidade.

Guimarães deu-nos, assim, uma lição espiritual—a primeira lição de tôdas as que se sucedem agora, num ritmo afirmativo e cheio de significado. Não foi, por acaso, que nesse dia, appareceu coberta de flôres a colina sagrada da nossa Fundação de povo livre; flôres dos nossos jardins, símbolos da nossa riqueza, flôres desta nossa permanente Primavera.

Logo depois desse Te-Deum colectivo, com que o país inteiro saudou o início das festas Centenárias—as comemorações nos Castelos Medievais tiveram o valor dum rito religioso, foram a expressão superior duma atitude de devoção e de fé. Devoção na nossa grandeza secular. Fé nos destinos eternos do país.

A existência de Portugal como Nação livre e independente tem um valor simbólico—para lá do seu valor real. Nada acontece no

Mundo por acaso e tudo obedece ao cumprimento superior duma determinação divina. Portugal deve a sua existência a uma necessidade geográfica condicionada, evidentemente, a imperativos históricos. Eis uma verdade que não se pode ocultar nem pôr em dúvida.

Guimarães, ponto de partida da nossa própria existencia, tem para os portugueses um valôr sagrado. Nas pedras do seu castelo falam vozes eternas que ressoam no espaço, através dos séculos, como um clarim guerreiro de vitória. A nossa contribuição na luta contra os infiéis, os Descobrimientos, a colonização em Africa e, hoje a nossa posição cristã perante a Europa—são capítulos duma só jornada, páginas dum livro que não acaba nunca de ser lido. Assim, a nossa existência histórica obedece a um só principio e vive duma só fé. A Cruz de Cristo que trouxemos há oito séculos para a Península é ainda a que guia os nossos passos neste Mundo conturbado em que vivemos.

Guimarães foi, acima de tudo, uma admirável lição espiritual. Lição que vem de muito longe e que atingirá muito longe também. Lição superior e exemplar.

Pórtico das comemorações centenárias, pórtico de Portugal, Guimarães ergueu, no tópo do seu castelo, aquele facho de esperança que vive hoje na alma de cada português. E a luz que subiu das fogueiras votivas para o céu, foi ainda uma expressão de patriótica e magnifica certeza: a certeza de que somos eternos e que, pelos séculos futuros, continuaremos a desempenhar no Mundo a missão cristã que os séculos passados nos legaram.

## A Igreja e os Centenários

«A moda antiga, sobe o Patriarca de Lisboa, cabeça da Pátria e do Império, precedido pela cruz de oiro do segundo Rei de Portugal, que tanto sol de gloria e triunfo beijou e pela espada gloriosa do primeiro que abençoada por S. Teotónio traçou neste extremo do velho mundo «onde a terra se acaba e o mar começa», para durar até ao fim do mundo, os limites da Nação portuguesa, sobe ao terraço que cobre a galilé da velha catedral românica coeva da fundação da Monarquia, para vos anunciar, elevando ao mesmo tempo o coração a Deus, criador e senhor das nações: que faz agora oito séculos que Portugal nasceu!»

«Quem vos fala é o sucessor de tantos Bispos que, desde o Rei Fundador, foram nesta vetusta Sé os intérpretes perante Deus, dos votos e das acções de graças da Nação Portuguesa. Aqui vieram os reis e os governos, e a nobreza e o povo, todos os que fizeram Portugal e o engrandeceram—cantar o Te-Deum das horas heróicas da Pátria. Esta augusta Catedral é como o coração da Pátria: não houve dor nacional que a não fizesse chorar, como não houve alegria, nem vitória, nem glória, que a não fizesse estremecer jubilosamente em cântico triunfal».

«Portugueses, brasileiros, com os corações ao alto, nesta data do natal da Nação portuguesa, que pode dizer, para quasi tôdas as outras, ainda as maiores, ao contar os seus oito séculos da história, como Herodoto conta que lhe disseram os sacerdotes egipcios: vós outros sois crianças! gritemos como era usança antiga (e certamente muitas vezes foi dito dêste mesmo terraço) todos á uma, tão alto que nos ouça o mundo inteiro: — arraial, arraial, por Portugal!»

D. Manuel Cerejeira

(Da alocação pronunciada do terraço da Sé Patriarcal de Lisboa, em 2 de Junho de 1940, antes do solene Te-Deum de acção de graças de Portugal).

## O Exército e as comemorações centenárias

Não se ultrapassam oito séculos de existência como nação sem ter que lutar—e muito.

O sangue português tingiu as ervas de muitos campos de batalha e as águas de muitos mares.

Morremos em luta contra o castelhano—na Península; contra o moiro—em tôda a parte onde o encontramos; contra o negro de África; contra o Índio das Américas; contra o naire bronzeado; contra o chinês—e contra o holandês, no Brasil, em Angola e na Malária;—e contra o francês—no Brasil e sobre as ondas do Atlântico e mais tarde, com as hostes napoleónicas, no próprio chão da metrópole;—e contra o venesiano, e o florentino, e o genovês, aliados de mussulmanos—nas paragens longínquas do Indico;—e contra o tudesco—na outra grande guerra.

A todos disputámos com aspe-reza igual o que era nosso—e se há muito de milagre, na nossa vida de nação, há também muito de vontade e muito do esforço do soldado.

E' essa vontade e êsse esforço que as Comemorações Centenárias celebram e nelas especialmente celebra o Dia de Nun'Alvares—14 de Agosto.

## O nosso Aniversário

Agradecemos aos nossos prezados colegas da imprensa pela forma alias digna, com que se referiram á passagem do nosso 6.º aniversário e igualmente estendemos o nosso sincero agradecimento dos inumeros telegramas e cartas de felicitações que recebemos da parte dos nossos multiplos amigos.



# As Comemorações dos Centenários em Tavira

Por todo o país tem decorrido no meio do maior entusiasmo e em grandes manifestações de patriotismo, as comemorações dos centenários da Fundação e da Restauração, que o governo nacionalista que dirige Portugal em uma hora feliz, determinou que se realizassem este ano.

Começaram as comemorações, conforme o programa marcado, por um solene Te-Deum na Sé de Lisboa e em todas as mais Sés, Matrizes e Paroquiais do Império. Em Lisboa, Sua Eminência o Cardeal Patriarca, do alto da galilé da velha Sé de D. Afonso Henriques dirigiu-se ao Povo numa oração que é um admirável mixto de fervor religioso e de puro nacionalismo, o que de resto constitue a base da nossa História.

O discurso proferido por Sua Ex.<sup>a</sup> o General Carmona na Camara Municipal de Lisboa, constituiu uma admirável lição extraída do passado da Nação e que calou profundamente na alma do nosso Povo.

Por todo o Império, se realizaram manifestações idênticas e em toda a parte se notou quanto é profundo e está enraizado no nosso Povo o amor da Patria.

Mas, o ápice das festas foi no dia 4 em Guimarães. Tudo aí se conjugava para que atinxissem o brilhantismo devido. A tradição a ressaltar das pedras, dos anos e dos costumes; O Povo mantendo as suas tradições seculares, o seu profundo religiosismo, expansivo ao máximo, esteriorizando a sua alegria como em mais parte alguma do País, tudo contribuía para que o dia consagrado a Guimarães ficasse gravado em letras d'ouro nas festividades dos centenários. E assim foi.

Os nossos leitores já conhecem pelos diários o que lá se passou. Só queremos aqui referirmo-nos ao maravilhoso, ao glorioso discurso de sua Ex.<sup>a</sup> o Presidente do Conselho. A quem o ouviu pela rádio, a todos deixou a impressão de que o sr. Dr. Salazar se encontrava comovido a tal ponto, pelo que tal dia representava para Portugal e pelo que os seus olhos estavam vendo, a forma como o povo português tomava parte nas comemorações que ao terminar, as lágrimas lhe acorriam aos olhos, tão sentido e tão vibrante foi o seu Viva Portugal.

Não é de admirar. A todos os que o ouviram lhes succedeu o mesmo, ao terminar a audição as lágrimas assumavam aos olhos dos ouvintes, tão grande e tão profundamente caiu no animo dos portugueses, a maravilhosa lição de puro nacionalismo que acabavam de ouvir.

Em Tavira cumpriu-se o programa estabelecido. No dia 2, ás 11 horas foi resado em Santa Maria do Castelo, a Igreja mais antiga de Tavira, transformação da antiga Mesquita logo a seguir a tomada de Tavira por D. Paio Peres Correia, um Te-Deum resado pelo sr. Padre Brito. A Camara Municipal e os seus convidados encontravam-se na Capela Mór, onde a Lança da Legião Portuguesa prestava guarda de honra ao altar.

Na Nave central da Igreja formavam a Mocidade Portuguesa, as crianças das Escolas Primárias e do Asilo Esperança Freire. Muitas senhoras e povo enchiam o vasto templo. No côro um côro de meninas dirigidas pelo sr. Prior José Jorge de Melo acompanharam as festas. Pregou o sr. Prior Melo que soube extrair a lição necessária dos factos que se comemoravam tendo agradado muito.

A seguir ao Te-Deum foi resada missa.

Às 16 horas no Teatro Popular, iniciou-se a sessão solene. O palco estava enfeitado com as bandeiras Nacional, da cidade e da União Nacional. Presidiu o sr. Presidente da Camara Muni-

cipal, Comandante Adolfo Trindade, secretariado pelas autoridades locais.

Na plateia e no 1.º balcão encontrava-se os convidados, sendo o 2.º balcão e geral destinadas ao numeroso publico que acorreu.

Usou da palavra o sr. Presidente que disse o seguinte:

Ex.<sup>mas</sup> Autoridades!  
Camaradas!  
Senhoras e Senhores de Tavira!

Camaradas do mar, Pescadores do Algarve!

Estou aqui neste dia e neste lugar para inaugurar esta sessão solene, porque sou ainda o Presidente da Camara Municipal de Tavira e porque, exercendo as funções de Chefe do Departamento Marítimo do Sul, poderei continuar a olhar ao mesmo

habitantes perseguido e atormentado.

Senhoras e Senhores de Tavira!

Tenho sempre desejado e ardentemente desejo o interesse de Tavira, ainda que talvez só por estes meus desejos tenha de ser por alguns dos seus habitantes perseguido e atormentado.

Senhoras e Senhores!  
Portugueses!

Estamos aqui reunidos, como em festa de anos em que se commemorassem, ao mesmo tempo, o nascimento, o baptismo e a crisma de nossa mãe.

Senhoras e Senhores!  
Portugueses!

Vamos comemorar a fundação de Portugal e, neste ano trágico de 1940, essa comemoração de-

Algarve cuja prosperidade sempre desejou e medita!

Senhoras e Senhores de Tavira!

Gente do Algarve!  
que sendo dotado de tão conspicuas e egrégias virtudes, nem mesmo assim aquele venerando Bispo do Algarve escapou á calunia, de que é quasi sempre vítima o homem benemérito.

«Logo nos primeiros anos do seu episcopado lhe levantaram pessoas turbulentas e inquietas um falso testemunho e por isso teve de fazer uma viagem a Lisboa».

De regresso desta sua viagem nem por isso deixou o ilustre Bispo do Algarve de continuar a pregar com a palavra e com o exemplo a doutrina de Cristo, falando com verdade a palavra de Deus.

Nem por isso deixou o exem-

tinham vendido o próprio coração por umas centenas ou mesmo umas dezenas de contos de reis.

Tantos há que apregoaram e apregoam aos quatro ventos a sua fé em Deus e na Republica aos quais se poderia responder com as palavras do Apóstolo:

«quid proderit si fidem quis dicat se habere autem opera non habcat?»

Para que serve essa fé que diz de si ter se obras não tem?!

Pescadores de Tavira!  
Gente do Mar!

Espero que festejaremos juntos ainda este ano a fundação da Casa dos Pescadores de Tavira onde vocês encontrem, com a justa compensação dos riscos da mais dura das profissões, a devida paga do vosso trabalho e a independência da esmola que rebaixa.

Pescadores de Tavira!  
Gente do Mar!

Ide no dia 15 a Sagres e vocês terão a ventura de ver Salazar, o homem cuja doutrina é aquela que vos tenho pregado com verdade.

Quando eu vos dizia que na Capitania eram todos iguais, mas que maior protecção era devida áqueles que maiores necessidades tinham, eu dizia-vos as palavras de Salazar no sentido em que éle as disse; quando eu vos dizia que os benefícios que vocês receberiam da Casa dos Pescadores de Tavira não seria uma esmola, mas uma justa compensação do vosso trabalho, eu dizia-vos as palavras de Salazar no sentido em que éle as disse; quando eu me opunha a que vocês fossem explorados á sombra do que parecia lei era porque eu tomava as palavras de Salazar em seu verdadeiro sentido.

Livrai-vos daqueles que, vos dizem palavras de Salazar tomadas no sentido em que éle as não disse.

Senhoras!  
Senhores!  
Pescadores de Tavira!  
Gente do Mar!

Viva o General Carmona!  
Viva Salazar!  
Viva a Republica!  
Arriba Tavira!

A seguir usou da palavra o sr. Dr. Arnaldo Lança, Digno Agente do Ministerio Publico na nossa comarca e membro da Comissão Concelhia da União Nacional de Tavira.

Depois de agradecer as palavras elogiosas com que o sr. Presidente da Camara tinha precedido o dar-lhe a palavra, referindo-se á maneira brilhante como o sr. Comandante Trindade tem orientado a sua acção como Presidente da Camara Municipal de Tavira, de forma a que o seu nome há de marcar um belo lugar na vida de Tavira, entrou propriamente no assunto da sua conferencia: as comemorações dos centenários.

Em palavra fluente e em frases bem buriladas, o sr. Dr. Lança historiou a vida de Portugal desde os primordios da sua fundação e reconquista até á Restauração.

Os reinados e os factos mais importantes na sua projecção no tempo e no espaço foram tratados com inteligencia e cultura, deixando no espirito da assistencia uma bela impressão.

Sem excessos de retórica mas ao alcance de todos, o interregno, as descobertas e conquistas, 1580, o cativoiro, 1640, nas suas realidades e consequências foram apresentados de forma que todos comprehendessem e sentissem a solenidade do que se comemorava.

Ao terminarem os seus discursos, tanto o sr. Comandante Trindade como o sr. Dr. Arnaldo

## Comemorações dos Centenários

DIA 11 de JUNHO de 1940

Feriado Municipal em recordação da conquista de Tavira aos moiros

Às 11 horas — Missa na Igreja de Santa Maria do Castelo

Às 18 horas — Romagem aos tumulos de D. Paio Peres Correia e dos sete cavaleiros mortos na conquista da cidade.

A Camara Municipal convida todos os habitantes das ruas do percurso da romagem a engalanarem as suas janelas. A romagem principia na Praça da República e segue a Rua da Liberdade, Rua D. Paio Peres Correia e Explanada de Santa Maria.

Programa do concerto de hoje, pela Banda da  
— ACADEMIA MUSICAL TAVIRENSE —

### 1.ª PARTE

Hino da Cidade . . . J. Domingues  
Pepita Greus—P. D. . . Pascual Perez Chovi  
Poete et Paysan—Ouvert. Fr. Suppé  
Violette di Parma—Suite  
de Valsas. . . . . Becucci  
Sanson et Dalila—Opera Saint Saens

### 2.ª PARTE

El Assombro de Damasco—Zarz. P. Luna  
Dances Hungroises . . . . . Brams  
Gomes da Costa—P. D. . . . M. Ribeiro  
Hino da Cidade . . . . . J. Domingues

tempo e por igual, com os olhos da razão e do coração, pelos interesses gerais do município e, em especial, com maior carinho, onde maiores são as necessidades, pelo futuro dos pescadores de Tavira.

Ha precisamente um século que um filho ilustre do Algarve, sócio da Real Academia de Sciencias de Lisboa escreveu, no prefácio de um valioso trabalho seu sobre o Algarve, as seguintes palavras:

«Premiados ficarão meus intuitos se deste trabalho puder resultar algum proveito ao Algarve, cuja prosperidade sempre tenho desejado, e ardentemente desejo; ainda que talvez só por estês meus desejos tenha sido por alguns dos seus habitantes perseguido, e atormentado, por ultimo com 1888 dias de rigorosa prisão, que me arruinaram a saude e escassa fortuna.»

Reparai que, havendo ele desejado sempre a prosperidade do Algarve, confirmava ainda o mesmo e ardente desejo, ainda que talvez só por estes desejos tivesse sido por alguns dos seus

ve conter um voto de todos os portugueses: «Velar pela segurança das fundações de Portugal independente, abaladas tambem como as de todas as nações do mundo pelo fragor da maior guerra de todos os tempos, em terra, no mar e no ar.

Vamos tambem recordar e comemorar o tricentenário do divorcio de Portugal da Espanha e da reunião da Nação portuguesa a um rei português.

Vamos ainda,

Senhoras e Senhores de Tavira!

Gente do Algarve!

Comemorar no marmore do Algarve o duplo centenário do nascimento do mais ilustre dos filhos desta Provincia, o Insigne e benemérito cidadão, o talentoso militar, o bondosissimo e virtuosissimo Bispo do Algarve D. Francisco Gomes de Avelar.

Quando fordes a Faro e passardes pelo monumento erguido á sua memória, parai, recordai a sua vida, os seus trabalhos no

plar cidadão D. Francisco Gomes de Avelar de trabalhar pela prosperidade do Algarve e para o bem estar da colectividade. Sublime exemplo do servo de Deus e que o era tambem da Causa Publica.

Servo de Deus, não queria ser bispo e por isso não teve de comprar a mitra pela pensão de dois contos que a rainha D. Maria I desejava impor no bispado do Algarve a favor da Inquisição e que ele achara mais bem empregados em socorrer os pobres do Algarve.

Serviu a causa publica como poucos. Ha muitos servidores da causa publica mas poucos são os que a servem.

Entre o servo da causa publica e o que a serve ha uma grande diferença.

Uma coisa é dizer-se servo da Causa Publica e outra coisa é o servir a Causa Publica.

Uma coisa é o pescador e outra coisa é o que pesca, e ainda outra coisa é o que pesca em aguas turvas.

Tem-se ouvido por vezes alguns servos da Causa Publica pregar o desinteressado, o puro amor, pela Causa Publica, e quantas vezes aqueles mesmos

do Lança, foram muito aplaudidos.

Estava terminada a sessão solene.

A' noite realizou-se o concerto no jardim publico em que a Banda da Academia Musical Tavirense realisava o seu primeiro concerto, cujo programa inserimos no passado numero. Foi geral o agrado, sendo geraes os elogios, tanto á Banda como á Academia que á força de trabalhos e com o concurso unanime dos tavirenses, tinha conseguido organizar a sua Banda em termos.

#### Dia 4

Na explanada da Alcaçova do velho castelo de Tavira reuniram-se, a fim de prestar homenagem á Bandeira da Fundação, as crianças da Mocidade Portuguesa, Escolas e Asilo «Esperança Freire», com os respectivos dirigentes. Prestava a guarda d'honra uma Lança da Legião Portuguesa.

Encontravam-se presentes, a Camara Municipal, União Nacional, Magistrados, Capitão do Porto, Conservador do Registo Predial e do Registo Civil, Prior, Funcionarios da Justiça e Administrativos, chefe da Secretaria da Camara Municipal, representantes dos organismos corporativos e bastante povo no qual predominava o elemento feminino.

Tudo se preparava para essa cerimonia que em Tavira têm um simbolismo especial visto o seu velho castelo ser coevo da reconquista de Portugal. Sobre aquelas mesmas muralhas, há 700 anos, foi içada, também, a Bandeira de Portugal.

Ao badalar das 12 horas no sino da torre da antiga mesquita, outra veneranda reliquia da reconquista, um filiado da Mocidade Portuguesa fez içar no mastro colocado no alto das muralhas, a Bandeira da Fundação, em seda, oferta de um grupo de gentis Senhoras da nossa terra. Estralejaram morteiros numa salva de 21 tiros e, enquanto soava a marcha da continencia, todos se perfilaram, os militares fazendo a continencia e os civis a saudação nacionalista.

Estava terminada a cerimonia profundamente sentida na sua simplicidade.

Os rapazes da Mocidade Portuguesa cantaram em côro o seu Hino e uma marcha. Depois tudo desandou. Lá no alto, bem visível de muito longe, a Bandeira continuava a flutuar ao vento, como que relembrando a todos, cristãos e moiros, que a Nação, desde que existe, vive á sombra da Cruz, da Cruz que se estendia em ambas as faces da Bandeira de D. Afonso Henriques.

No jardim Publico, profusa e lindamente ornamentado, a Banda da Academia Musical Tavirense realizou o seu segundo concerto, que principiou e encerrou com a Portuguesa ouvida de pé por toda a numerosa assistencia que enchia o recinto.

O programa, do conhecimento dos nossos leitores, foi executado a primor, sendo geraes os elogios á forma como os componentes da Banda se desempenhavam da sua missão. Mas o maior interesse era despertado pelo novo maestro que regia a Banda.

Apesar de ser bastante conhecido em Tavira e de ser bem apreciada a sua cultura musical, a curiosidade era grande pela sua regencia. Não podemos deixar de o felicitar sinceramente, porquanto só se ouviam elogios á sua maneira de reger e á interpretação pessoal dos trechos musicais.

Parabens ao Maestro, á Academia, á Banda e a Tavira.

E não queremos deixar de felicitar a Camara Municipal e em especial o seu Presidente, a cuja persistencia e boa vontade se deve o termos a Banda a tocar já neste verão.

**Este número foi visado pela Delegação de Censura.**

## Oito Séculos de História

«Neste tão largo transcurso de tempo fomos um momento da vida da Humanidade — quando um dia iniciámos e realizámos quasi inteiramente o maior acto da História: os descobrimentos. Outros o poderiam ter feito e sem dúvida a outras nações reconheceremos capacidade para o realizar, mas a nós coube essa missão, fomos nós que desvendámos e cruzámos tôdas as rotas, cruzando todos os mares e passando por todos os continentes. Em tôda a parte existem ainda os sulcos da nossa passagem e essa nossa grande, estranha aventura abriu horizontes novos, criou novas condições de vida ao Mundo inteiro e enriqueceu a Humanidade. E se da empreza tirámos vantagem material, há-de dizer-se, por ser verdade, que o impulso primeiro esteve no desejo de desvendar o desconhecido e de realizar a vocação missionária que os facos demonstraram possuírmos.

«Nesta marcha através da História criámos três impérios: o império brilhante do Oriente, que tem para nós a fascinação dobrada de uma empreza que mede a audácia e o brilho de um povo; criámos o império do Brasil, em que revelámos o sentido que possuíamos da obra civilizadora e que constitue um alto orgulho para nós, pelo grande contributo que o Brasil presta hoje á civilização; e, afinal o império de Africa, de que nos podemos justamente envaidecer, pois em iguais paragens outros não fizeram mais nem melhor».

**General Carmona**

(Do discurso pronunciado na Câmara Municipal de Lisboa, em 2 de Junho de 1940, para abertura solene das Festas Centenárias).

## EDITAL

**Adolfo Trindade, Capitão de Fragata Aviador e Presidente da Câmara Municipal do Concelho de Tavira:**

Faz Público que no dia 27 do corrente mês de Junho, pelas 16 horas, na sala das sessões desta Câmara Municipal, se procederá á venda em hasta pública, pelo melhor lance oferecido, do seguinte:

Remanescente dum prédio urbano que foi parcialmente demolido para fins de alargamento da Travessa Zacarias Guerreiro, desta cidade, e que se compõe de duas pequenas moradas de casas com cinco compartimentos e quintal.

Recebem-se propostas em carta fechada até ás 14 horas do referido dia 27 e é permitida a licitação verbal entre os concorrentes.

A Câmara Municipal reserva-se o direito de não fazer a adjudicação se assim o entender conveniente aos seus interesses.

Para constar se passou o presente edital e outros de igual teor que vão ter a devida publicidade.

Paços do Concelho de Tavira, em 3 de Junho de 1940.

O Presidente da C. Municipal

*Adolfo Trindade*

Capitão de Fragata-aviador

### «A Voz»

A gravura de D. Francisco Gomes de Avelar, que noutro lugar publicamos, foi cedida por este brilhante diário católico, de Lisboa.

## Vende-se

Uma morada de Casas, situada no Alto do Cano, em Tavira, que se compõe de Casas de habitação, mercearia, estalagem, quintalão e armazem.

Recebem-se propostas. Quem pretender dirija-se a Antonio de Sousa Chumbinho (professor oficial)—Olhão.

## Poema do Nosso Amor

*Nesta noite escaldante do Amor  
Bailam as pombas  
No encerado  
Da plataforma enorme  
Do Pecado...*

*Eu queria ser a Natureza  
E ser o espelho,  
Indómito,  
Da sua Beleza  
E da sua Força!*

*Nesta noite de rútilos fulgores  
Passa um cortejo  
De exóticos amôres  
Do Mundo,  
E do Pensamento!*

*O Mal, esvoaça, em curvas parabólicas.  
A' volta de algumas Almas,  
Com intenções diabólicas  
No seu cérebro perverso...*

*O Mar acalma  
E beija a Alma  
Da Terra,  
De quando em vez,  
Indiferente, na sua ância de espuma!*

*E o nosso Amor  
Que há muito flutua  
No lago do Sonho  
Diz-nos ao ouvido:  
Eu quero,  
Nesta noite escaldante do Amor,  
Em que passam as Sombras da Vida  
Nos horizontes baços  
Da Maldade,  
As flôres eternas da Bondade!...*

**Victor Castela**

## PELA CIDADE

## “Povo Algarvio”

**Avisamos os nossos Ex.<sup>mos</sup> Colaboradores, anunciantes, bem como as Entidades que habitualmente nos enviam os seus comunicados, de que os originaes têm de estar nesta Redacção até quinta feira de manhã para poderem ser publicados no número dessa semana.**

Arraial de S.<sup>to</sup> Antonio—Realiza-se amanhã pelas 22 horas o tradicional arraial de Santo Antonio que será abrilhantado pela Banda Musical de Tavira.

Durante o arraial serão queimados alguns artisticos fogos de artifício.

No dia 13, haverá, ás 13 horas missa solene de exposição e as 20 horas Té-deum, a grande instrumental e vozes e sermão por um dos melhores oradores sagrados da diocese.

## J. A. Pacheco

### TAVIRA

**Fábrica de farinhas espoadas** **A maior e mais completa do Algarve. Fabrico esmerado como o atestam as suas esplendidas farinhas e as suas sementes sem rival.**

**Fábrica de farinha em rama** **Uma das maiores do Paiz e com moderna aparelhagem, produzindo as suas tão acreditadas farinha em rama.**

**Padaria** **A maior da Provincia com amassadeiras mecanicas. Escrupulosa fabricação.**

**Os productos das fabricas J. A. Pacheco tem a garantia duma fabricação cuidadosa em maquinaria moderna e aperfeiçoada.**

## F. Diniz e Filho

(A Casa do Povo)

**Retrozeiro e Fanqueiro o mais completo sortido**

**Vendas nas melhores condições**

Temporariamente por motivo de obras, este estabelecimento funciona na Rua Dr. Parreira—TAVIRA.

## Drogaria Tavirense

de M. Sousa Rosa

Drogas, Produtos Quimicos, Oleos, Tintas, Vernises e Secantes

Ferragens Nacionais e Estrangeiras

**FERRAMENTAS**

Artigos de Borracha

Agua MINERO-MEDICINAIS

**PERFUMARIA**

Completo sortido das acreditadas marcas

NALY, BENAMOR, SANTA

CLARA, HARLESSE,

TOKALON, etc. etc.

Rua José Pires Padinha - TAVIRA

## COMARCA DE TAVIRA

### ANUNCIO

Faço saber que no dia 23 do corrente mes de Junho, por 12 horas, á porta do Tribunal Judicial desta comarca, se ha-de arrematar quem maior lance oferecer acima da quantia de quatro mil e trezentos escudos, que é metade do seu valor venal, o direito e acção ao prédio seguinte: Um prédio urbano na Rua Trinta e Um de Janeiro (antiga Rua de Santo Antonio), freguesia de Santa Maria desta cidade, que consta de cinco compartimentos, sobrado e quintal. Este direito e acção foi penhorado á executada Clementina Marta de Sousa, casada, domestica, residente nesta cidade de Tavira, na execução por custas e selos que lhe move o Ministério Publico.

Tavira, 5 de Junho de 1940.

Chefe da 3.<sup>a</sup> secção

*José Mateus Mendes*

Verifiquei a exactidão

O Juiz de Direito,

*J. de Deus Pereira*

## COMARCA DE TAVIRA

### Anúncio

Faço saber que no dia 23 do corrente mez de Junho, por 12 horas, á porta do Tribunal Judicial desta comarca, se ha-de arrematar quem maior lance oferecer acima da quantia de mil duzentos e vinte escudos, seu valor venal, o prédio seguinte:

Uma morada de casas terreas, com tres compartimentos, no sitio da Praia, freguesia da Conceição, desta comarca. Este prédio foi penhorado á executada Francisca Mendonça, casada, domestica, residente no referido sitio da Praia, freguesia da Conceição, desta comarca na execução por custas e selos que lhe move o Ministerio Publico.

Tavira 3 de Junho de 1940.

O Chefe da 3.<sup>a</sup> secção

*José Mateus Mendes*

Verifiquei a exactidão

O Juiz de Direito,

*J. de Deus Pereira*



## Alô! Alô!

Um SIERA RADIO-1940 de ligar á corrente ou de baterias é o contacto directo com o mundo civilizado

VENDAS A PRESTAÇÕES

AGENTE

Francisco Padinha Raimundo

TAVIRA

Cunha & Dias, L.<sup>da</sup>

8-RUA DA LIBERDADE-10  
TAVIRA

Agencia da Tabaqueira  
e da Fosforeira Portuguesa  
Venda de tabaco e fosforos  
aos melhores preços

Condições especiais  
para revendedores

### COMARCA DE TAVIRA ANUNCIO

Faz-se saber que correm éditos de trinta dias a contar da segunda publicação deste anúncio citando Antonio Catarino, casado, trabalhador, residente que foi no sitio da Mealha, freguesia de Cachopo, desta comarca, ausente em parte incerta, para no prazo de cinco dias posterior ao dos éditos, pagar na Tesouraria Judicial desta comarca a quantia de 510\$55 de multa e Imposto de Justiça em que foi condenado por sentença de 28 de Março passado em processo de transgressão que lhe moveu o Ministério Público ou, em igual prazo nomear á penhora bens suficientes para o mesmo pagamento sob pena do direito de nomeação ser devolvido ao Ministério Público na execução que este lhe move e ela prosseguir seus termos.

Tavira, 30 de Maio de 1940

O Chefe da 2.<sup>a</sup> Secção

Eduardo Dias Ferreira

Verifiquei a exactidão

O Juiz de Direito

J. de Deus Pereira

### Vende-se

Uma propriedade em Bernardinho, com terra de semear, sequeiro e regadio diferente arvoredo, casas de moradia com diferentes compartimentos, casas para caseiro e acomodações.

Tratar com José Nobre Fecio.

### Arrenda-se ou vende-se

Uma casa na Praia do Médo das Cascas.

Quem pretender dirija-se a Rosa Centeno—Rua Dr. António Cabreira, Tavira.

## A Casa Cabrita

(Junto ao Mercado Municipal)

Apresenta aos seus estimados fregueses grandiosos stoks dos artigos seguintes:

Lãs, Sêdas, Algodões

Meias em Sêda, Algodão e Fio da Escócia,  
Piugas para homens e crianças

Lindas Sombrinhas em Sêda e Algodão

Admiráveis Gravatas

Magnificos cintos

Excelentes colchas

GRANDIOSO SORTIDO DE CAMISAS ADÃO  
e BONÉS DE PALHA PARA HOMEM

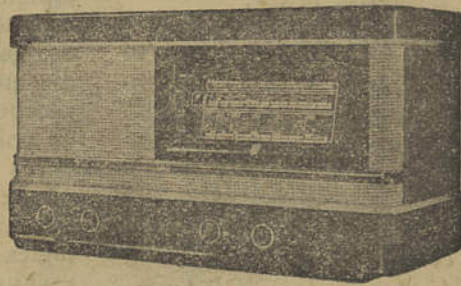
Optimo calçado para senhoras e crianças.

Em todos os artigos expostos faz uma redução de 20 % nos preços actuais.

Que belo aparelho  
« PHILIPS »

À VENDA

no Cunha & Dias, Lda.  
TAVIRA



Se é económico prefira um aparelho Philips!

Um PHILIPS faz a alegria dum lar!...

Objectos próprios para

## BRINDES

Grande Diversidade

Ótimos Preços

Visite V. Ex.<sup>a</sup> o estabelecimento

### BERNARDINO M. MATEUS

RUA ALEXANDRE HERCULANO, 2 - TAVIRA

### Padaria de Rama

Vende-se em Tavira, na Rua do Forno n.º 43, edificio próprio, com respectivo alvará e licença, pronto a funcionar e com boa clientela—Tratar com Antonio Fonseca—TAVIRA.

### VENDEM-SE

Alguns numeros do Dicionario da Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira. Nesta Redacção se informa.

Assinal o "Povo Algarvio"

COMARCA DE TAVIRA

### ANUNCIO

2.<sup>a</sup> PUBLICAÇÃO

Faço saber que no dia 16 do proximo mês de Junho, por 12 horas, á porta do Tribunal Judicial desta comarca, se ha-de arrematar a quem maior lanço oferecer acima da quantia de trezentos e quarenta escudos, seu valor venal, o prédio seguinte: Uma morada de casas com dois compartimentos, no sitio dos Talaeiros, freguesia de Santa Maria, desta comarca. Este prédio foi penhorado ao executado José Pedro, casado, proprietario, residente no referido sitio dos Talaeiros, freguesia de Santa Maria, desta comarca, na execução por multa e imposto de justiça que lhe move o Ministério Público.

Tavira, 24 de Maio de 1940.

O Chefe da 1.<sup>a</sup> Secção

José Mateus Mendes

Veriquei a exactidão

O Juiz de Direito,

J. de Deus Pereira

Anunciar no

“Povo Algarvio”

é ter a certeza de exito

COMARCA DE TAVIRA

### ANUNCIO

2.<sup>a</sup> publicação

Faço saber que no dia dezeses do próximo mês de Junho, por doze horas, á porta do Tribunal Judicial desta comarca, se ha-de arrematar a quem maior lanço oferecer acima dos seus respectivos valores venais, os prédios seguintes:—PRIMEIRO—Um prédio urbano com uma divisão, com a superficie de catorze metros e oitenta centímetros quadrados, no sitio da Eira da Palma, freguesia de Santa Maria, desta comarca, no valor venal de sessenta escudos. SEGUNDO—Um prédio urbano, com duas divisões, com a superficie de trinta e um metros e oitenta e seis centímetros quadrados, no referido sitio da Eira da Palma, no valor venal de sessenta escudos. Estes prédios foram penhorados ao executado Joaquim Inácia, casado, trabalhador, residente no aludido sitio da Eira da Palma, nos autos de execução por multa e imposto de justiça que o Ministério Público lhe move.

Tavira, 22 de Maio de 1940.

O Chefe da 2.<sup>a</sup> Secção

Eduardo Dias Ferreira

Verifiquei a exactidão

O Juiz de Direito

J. de Deus Pereira

## Atenção!!!...

Trabalhos Tipográficos  
e Carimbos de Borracha com perfeição e rapidez, só na

TIPOGRAFIA SOCORRO

FABRICA DE CARIMBOS

VILA REAL DE SANTO ANTONIO

### Vendem-se

Um prédio na Rua dos Torreiros, com os n.ºs 19 a 25, de policia, com mais 2 portas com os n.ºs 15 e 17 para a Travessa Jacques Pessoa constando de rés-do-chão, próprio para loja, 1.<sup>o</sup> andar, com 8 divisões, 2 varandas, pequeno quintal e dois poços.

Um prédio na Rua Almirante Cândido dos Reis, com o n.º 183, com mais duas frentes para a Rua e Travessa das Figueiras, com os n.ºs 1, de policia, constando de 7 divisões, quintal e poço.

Um prédio na Rua do Salto, n.º 18 de policia, com 5 divisões, quintal, pia para lavar roupa, esgôto e água.

Dão-se mais esclarecimentos na Sapataria Triunfo de José António de Jesus—TAVIRA

COMARCA DE TAVIRA

### Anúncio

2.<sup>a</sup> PUBLICAÇÃO

Faço saber que no dia dezeses do próximo mês de Junho, por doze horas, á porta do Tribunal Judicial desta comarca, se ha-de arrematar a quem maior lanço oferecer acima da quantia de oitocentos e sessenta escudos seu valor venal, o prédio seguinte:—Uma morada de casas com dois compartimentos, no sitio dos Estorninhos, freguesia da Conceição desta comarca. Este prédio foi penhorado nos autos de execução por multa e imposto de justiça que o Ministério Público move contra Manuel Agostinho Júnior, casado, proprietario, residente no referido sitio dos Estorninhos.

Tavira, 22 de Maio de 1940.

O chefe da 2.<sup>a</sup> secção

Eduardo Dias Ferreira

Verifiquei a exactidão

O Juiz de Direito

J. de Deus Pereira

COMARCA DE TAVIRA

### ANUNCIO

Comissão de Assistência  
Judiciária

2.<sup>a</sup> PUBLICAÇÃO

Faz-saber que correm éditos de 30 dias a contar de segunda publicação deste anúncio citando Joaquim Pedro Espadinha, casado, pedreiro, ausente em parte incerta e que antes foi residente no sitio da Fonte do Bispo, freguesia de Santa Catarina, desta comarca, para no prazo de cinco dias, posterior ao dos éditos, contestar querendo o pedido de assistência formulado por sua mulher Maria Julia de Souza Fabião, que é residente no mesmo sitio da Fonte do Bispo, para contra ele intentar acção de divoreio litigioso, sob pena do processo seguir seus termos á revelia do requerido.

Tavira, 25 de Maio de 1940

O Secretário da Comissão

Eduardo Dias Ferreira

Verifiquei—O Presidente

Manuel Simões da Costa

Anuncios e pedidos de Assinaturas para o "Povo Algarvio" recebe a Tabacaria José Maria dos Santos

!—: Tavira :—!